

AS GANGUES FEMININAS DE ELEPHANT AND CASTLE, LONDRES: UMA SUBCULTURA APAGADA

The girl gangs of Elephant and Castle, London: an erased subculture

Letícia Dias Loiola Peres, Graduanda, Universidade Federal de Minas Gerais,
leticiaadloiola@gmail.com

Resumo: Este trabalho busca tratar das as gangues femininas do século XX Forty Elephants e *teddy girls* que residiam no bairro sul-londrino de Elephant and Castle, com o foco na reflexão da relação entre o gênero e o apagamento histórico de uma subcultura.

Palavras chave: gangues femininas, subcultura, Londres.

Abstract: This article intends to explain the girl gangs of the XX century, Forty Elephants and Teddy Girls, that lived in the south London neighborhood of Elephant and Castle, with a focus on the reflection in the relationship between gender and historical erasure of a subculture.

Keywords: girl gang, subculture, London.

Introdução

O sociólogo que criou o termo “tribos urbanas”, Michel Maffesoli (1998, p. 70), define as subculturas como “diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança. Seja ele qual for, o que está em jogo é a potência contra o poder, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este”. É dentro das subculturas que o sentimento de pertencimento e segurança é reforçado, assim como a relação com o ambiente social.



esse artigo, tratarei de duas gangues femininas derivadas de gangues masculinas e que, como num paradoxo, foram de certa forma excluídas dentro de uma tribo. À luz de Simone de Beauvoir (1949), da autora Amy Hellen Bell (2014) e relatos do fotógrafo Ken Russell para ela, pretende-se discutir o apagamento das gangues femininas Forty Elephants e Teddy Girls que residiam no bairro londrino de Elephant and Castle, a fim de questionar o seu papel e entender o porquê de haver tão pouco relatos sobre elas.

No sul de Londres, Elephant and Castle já foi ponto de clubes noturnos e diversas lojas. Essa área residencial, que também era bastante comercial, foi um ponto muito importante para as subculturas. É conhecido por abrigar uma diversidade de pessoas, e graças à sua variedade de conexões de transporte, Elephant and Castle tornou-se um importante destino de compras e entretenimento durante o início do século XX, ganhando o apelido “Piccadilly do sul de Londres”.

Os Teddy Boys foram os primeiros de várias gerações de jovens britânicos que moldaram o seu próprio grupo de identidade ao redor da moda, da dança, da fala e da música. Nas décadas que se seguiram, o bairro The Elephants ia presenciar uma sucessão de movimentos de jovens, dos mods até ravers, dos ‘garage’ até ‘grime’. Mas foram os Teds de Elephant os pioneiros na cultura jovem britânica; os que deram início- os que fizeram as coisas rolaem de maneira rocking and roll! (Elephant Magazine, 2020)

Figura 1: Foto da obra de um elefante e um castelo, em Elephant and Castle, que deram o nome ao bairro, início séc. XX



Fonte: : <https://www.pinterest.de/amp/pin/558376053793201487/>, 2021

As Forty Elephants

As Forty Elephants, foram uma gangue de ladras de lojas que receberam esse nome por serem 40 mulheres que agiam, principalmente, na área de Elephant and Castle. Apesar do grupo ganhar força no próximo século, os primeiros registros da gangue são de 1873, quando começaram a invadir lojas de qualidade e a fingir de empregadas domésticas para saquear a casa de famílias ricas. Derivaram da gangue masculina Elephant Boys, que era composta por homens com histórico criminal, o grupo aterrorizava o sul de Londres com seus roubos astutos e violentos.

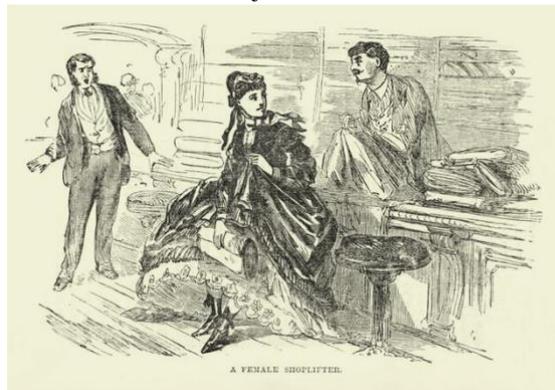
A gangue feminina, em contraste, era composta por mulheres de classe baixa, era bem administrada e bem organizada, e suas operações se deram após o fim da gangue masculina. O inspetor detetive George W. Cornish descreveu a gangue como mais bem vestida e mais inteligente do que as outras gangues concomitantes (MCDONALD, 2010, p.122).

Ao roubar lojas sofisticadas de roupas, a intenção das Forty era mais duradoura do que o prazer imediato de usar a moda. Isso porque, mediante ao papel das mulheres na sociedade britânica da época, as únicas maneiras de ascender socialmente vindo de uma classe baixa e sendo mulher, era de se casar com um homem mais rico ou entrar no mundo do crime - diga-se de passagem que nesse contexto, a classe média estava emergindo e, com isso, reacendendo a esperança e desejo de mobilidade social. Embora as integrantes da gangue frequentemente roubassem itens de vestuário, normalmente não usavam as roupas roubadas, seus saques eram distribuídos para uma rede de vendedores de rua e penhoristas, ou para outras lojas de roupas, que simplesmente substituíam as etiquetas ou modificavam seus designs a fim de revender. Alice Diamond, também chamada na época de Queen, ficou conhecida por liderar o grupo com autoridade absoluta e com a



cooperação de Maggie Hill, as irmãs Partridge e muitas outras, formando uma irmandade. Mas até hoje, é difícil saber como a gangue aumentou, assim como seus métodos. Isso porque as mulheres eram tão espertas e ligeiras que passavam despercebidas - fato que contribuiu para a falta de evidências incriminatórias, ocasionando a diminuição das sentenças do tribunal - e obtinham sucesso na maioria das vezes, tanto que sustentavam suas casas e seus maridos. Graças às vestimentas da época, que incluíam chapéus e grandes saias de crinolina, além dos grandes bolsos que eram costurados, as mulheres escondiam os itens.

Figura 2: Cartoon de uma ladra de loja escondendo itens embaixo da saia, 1892.



Fonte:

<https://www.messynessychic.com/2018/01/25/londons-female-shoplifting-mafia-of-yesteryear/> 2021.

Apesar de hoje a gangue permanecer apagada da história - principalmente quando comparada às gangues masculinas no mesmo contexto, como Peaky Blinders em sua época, a gangue se tornou conhecida na área comercial de Elephant e sua presença poderia ser motivo de grande alvoroço dentro das lojas. Com isso, se viram na possibilidade de aproveitar da reação dos trabalhadores, que acabavam por segui-las ao redor de toda a

loja, e criaram as estratégias de distração, em que entravam nas lojas com a intenção de gerar medo e concentrar toda a atenção da equipe e, sem roubar nada, liberavam espaço para que demais integrantes pudessem agir e sair despercebidas.

Com o passar das décadas, elas acompanharam as tendências mundiais e também se modernizaram, adquiriram carros e automóveis que funcionavam como meio de transporte para os itens roubados e como carros de fuga que “eram mais rápidos do que os da polícia” (HILL, 2010). Nos anos 1920, viveram como as *flappers*, frequentavam festas extravagantes e tinham estilo de vida luxuoso.

As Teddy Girls

O estilo *teddy* tem o nome derivado da palavra *edwardian* por conta da mistura do estilo *rock n' roll* americano com as roupas da era eduardiana, como a *drape jacket* que adotaram como símbolo. Apesar de contradições, acredita-se que os *teddys*, ou *new edwardians*, originaram da classe trabalhadora da Londres de 1950, que ainda se recuperava dos efeitos da guerra, mas adotaram vestimentas típicas da classe alta: “Apesar das origens aristocráticas e dândi da *drape jacket*, este item quase sempre foi garimpado pelos *teddys*, caso contrário, pago em prestações” (HAVLIN, 2015).

E como uma reação em cadeia de oferta e demanda, assim que os *teddy boys* começaram a adotar o dandismo, os dândis o recusaram, visto que não poderiam usar o mesmo que a gangue, o que ocasionou na alta de roupas dândis de segunda mão e, assim, o crescimento dos jovens que adotaram o estilo *new edwardian*. Eles tornaram aceitável que os homens se preocupassem com a aparência e se vestissem para ostentar. Enquanto os garotos adotavam o estilo aristocrático como forma de subversão, as garotas se apropriaram do estilo masculino.

Durante a Segunda Guerra, as roupas femininas sofreram alterações e se tornaram mais “masculinas”. Com o surgimento do *new look*, silhueta marcada e estilo que esbanja feminilidade, as *teddy girls* logo deram seguimento ao cabelo preso penteado para trás da era eduardiana, assim como ao terno feminino de quatro botões e aos chapéus de aba reta, apesar de maiores e mais elaborados do que na era eduardiana, também adotaram as sandálias abertas e baixas apesar do clima inglês e, em contraste, carregavam o vital acessório e símbolo do dândi: um guarda-chuva longo.

Na tentativa de desafiar as sensibilidades austeras da época, optavam por acessórios chamativos, incluindo broches de camafeu e bolsas *clutch* luxuosas. As pequenas bolsas e porta-moedas eram tidos como uma ostentação, vistos como um uso desnecessário de tecidos durante a guerra: “Depois de uma era em que a moda ficou em segundo plano, que melhor maneira de se rebelar em termos de vestimenta do que com a impraticável frivolidade de uma *clutch bag*; o acessório indispensável para uma *teddy girl*?” (HAVLIN, 2015).

Com o passar do tempo, o constante relato de brigas associado a tal estilo levou ao pensamento enganoso de que todos os *teddy boys* eram problemáticos.

Como George Melly observou, “com lutas e tumultos no cinema, as gang bangs e o vandalismo casual foram produzidos por uma situação claustrofóbica”, que incluiu a imposição de padrões morais da classe média, a geração mais velha que “usou o acidente da guerra para estabelecer a lei e um sistema de educação que negava qualquer potencial, empregos sem futuro, recrutamento militar, resultando em “um mundo cinza, incolor e pobre onde bons meninos jogavam pingue-pongue”.(BELL, 2014, p.8).

Em consequência, alguns lugares até mesmo proibiram a entrada daqueles que trajavam *edwardian dresses* - o que nos faz refletir sobre as proibições de entrada em certos locais com tênis e camisas de futebol que ainda são presentes no cenário europeu.



Diante tal imagem negativa dos *teddy boys*, as *teddy girls* desapareceram, sem ter a visibilidade de sua contraparte masculina. Com o espaço social mais limitado que os homens, elas ainda eram associadas à atmosfera doméstica e não eram vistas com a mesma militância que os homens. A mídia não as notava, e, em comparação, são raros os registros de historiadores, filósofos e até mesmo fotógrafos, dessas gangues.

O fotógrafo britânico Ken Russell, que nos anos 50 fotografou o grupo, por ocasião de sua série fotográfica *As últimas das teddy girls* (1955), relata para Bell (2014, p.5) que “Elas eram duronas, essas crianças, nasceram nos anos de guerra e racionamento de comida. Elas estavam orgulhosas. Elas sabiam seu valor. Elas apenas usavam o que vestiam.”

A questão do gênero

As Forty Elephants, em contraste com a maioria das *teddy girls*, eram mulheres criminosas. Entretanto, assim como essas, não ganharam espaço na mídia e nem nos registros da história: a sua reputação era principalmente disseminada via boca a boca. Quando retratadas na mídia, a imagem era de mulheres perigosas, mas também místicas, mágicas ou até endemoniadas: como se, ao fugir da essência do ser feminino construído pela sociedade até então, nem mesmo perigosas e criminosas pudessem ser por conta própria. Esse fator certamente influenciou na maneira e tipo de crime cometido.

Edwards (2018, p.5) diz a respeito das sentenças criminais que recebiam:

Para roubo ou outra atividade criminosa, os homens costumavam receber sentenças mais duras do que as mulheres. Isso provavelmente se deveu ao preconceito social da época onde as mulheres eram o "sexo frágil" e não podiam ser tão cruéis quanto os gângsteres masculinos.

“No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens.” (BEAUVOIR, 1949,

p. 16) por isso, quando trazidas ao cenário contemporâneo do século XXI, é de se esperar que as questões de gênero já estejam mais bem resolvidas, principalmente quando se pensa no avanço histórico dos direitos das mulheres. Entretanto, mesmo que de maneira mais sutil do que no século XX, as gangues ainda são vistas, historicamente, de maneira injusta. Um grande exemplo é o de Brian McDonald, o autor inglês de dois livros: *Gangues de Londres: 100 anos de guerra da máfia* (2010) - em que discute de maneira ampla as ações violentas e desenrolar das gangues majoritariamente masculinas

- e *Alice Diamond e as Forty Elephants: primeiro sindicato do crime feminino da Grã-Bretanha* (2015).

A primeira vista, basta comparar somente os títulos para perceber a mudança no tipo de crime no momento em que se trata da contraparte feminina. O segundo título se refere a gangue feminina como um grupo de crime organizado - por mais que ao longo do livro perceba-se como essas mulheres não estavam no mundo do crime para brigar por território, como demais gangues masculinas da época, mas para o seu próprio ganho financeiro.

Há um nível de violência e suborno que é associado a variedade de crime e também a organização do grupo que diferencia o crime organizado da atividade em gangue. [...]Ou seja, as mulheres londrinas que faziam parte do círculo de crime do século XX deveriam ser julgadas por seu próprio mérito, não somente pelo fato de serem do sexo oposto, mas também pela maneira a qual cada crime for cometido” (EDWARDS, 2018, p.2)

Quanto as *teddys*, cria-se, um paradoxo: aqueles que adotavam o estilo *teddy* já eram conhecidos por uma comunidade que não se encaixa nos padrões sociais, derivado dela, agora, tem-se as *teddy girls*, incompreendidas dentro de um ciclo que clama por compreensão.

A vida delas não era a mesma das garotas de 13-15 anos da aristocracia. Mary Toovey, *teddy* da época, conta para Bell (2015, p.5) que o comum era que essas garotas

saíssem da escola nessa faixa etária para trabalhar como secretárias ou em fábricas nos arredores. As roupas eram de segunda mão e sem luxo ao saírem para se divertir, mas nada se comparava ao senso de independência financeira.

Além disso, em contraposição ao comportamento dos *teddy boys*, as garotas não podiam ficar nas ruas por muito tempo. No caso delas, era preciso ser muito cuidadosa, uma vez que o passatempo nas ruas poderia ser interpretado com conotação sexual ou promiscuidade pelos homens, e era preciso manter boa imagem a qualquer custo.

Ao contrário da mídia, a indústria do lazer prestava atenção em ambos os garotos e garotas. Nesse sentido, era o gênero a diferenciar o que cada um consumiria, e não a subcultura. As garotas consumiam a cultura pop, e os garotos a produziam. O que acaba por provar a importância que o gênero, que é difícil de ser desassociado - mais do que a cultura e classe, por exemplo - e demonstra quão corajosas as *teddy girls* foram ao adotar o estilo mais masculino numa era extremamente binária e conservadora. Quanto a isso, Simone de Beauvoir (1949, p.11) afirma: "A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo."

Conclusão

A *maison* Dior, em sua coleção outono-inverno 2019, fez referência às *teddy girls*, por meio do exagero, couro, dos detalhes e bordados, como forma de celebrar a rebeldia e espírito jovem que a gangue britânica representou, o que vai na contramão do estilo ultra-feminino e silhueta marcada pela qual a marca é conhecida historicamente. Isso, talvez, se deva exatamente ao fato de que, agora, a *maison* é dirigida por uma mulher, Maria Grazia Chiuri.



O que leva à reflexão de que, até mesmo hoje em dia, com os avanços de direitos e igualdade, quando se trata de abordar a história da luta e emancipação das mulheres, como foi com as *teddy girls*, quem o faz são as mulheres, como Chiuri.

As mulheres, então, tornaram-se ainda mais alienadas aos olhos da sociedade e foram em grande parte esquecidas na história, ofuscadas pelas gangues e agitação às quais os Teddy Boys sucumbiram. Agora revivido por Chiuri, sua marca na subcultura e estilo volta à moda. (SHAW, 2019).

Ao dizer que essas gangues femininas derivaram de gangues masculinas, é preciso lembrar Simone de Beauvoir (1949, p.71) "Homem é a definição de ser humano e mulher é a definição de fêmea - quando ela se comporta como ser humano, ela diz que imita o homem". É possível refletir também como as gangues masculinas, por mais que ganhem atenção da mídia e do público, sempre acabam de forma violenta e de certa maneira mancham a imagem de sua contraparte feminina, que - por mais que do lado errado da lei - não tinham os mesmos princípios e eram, na maioria das vezes, mais espertas e mais sábias.

Referências Bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BELL, Amy Hellen. **Teddy boys and girls as neo-flâneurs in postwar london**. 2014. 15 p. Dissertação - Huron University College, Canadá, 2014.
- EDWARDS, Demi. **The forty elephants and their place in British society**. 2018. 29 p. Conferência Anual de Estudantes - Kent State University, Ohio, 2018.
- ELEPHANT AND CASTLE PARTNERSHIP. **Ready, teddy, go!**. About Elephant and Castle. London, 2020. Disponível em: <https://elephantandcastle.org.uk/a-brief-history/teddy-boys/>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- GARBER, Jenny. Girls and subcultures. In: MCROBBIE, Angela. **Feminism and**



youth culture. London: Macmillan, 1991, cap.1, 1-15

HAVLIN, Laura. Teddy girls: the style subculture that time forgot. **Another Magazine.** 2015. Disponível em: <https://www.anothermag.com/fashion-beauty/8064/teddy-girls-the-style-subculture-thattime-forgot>. Acesso em: 4 mar. 2021.

HILL, Amelia. Girl gang's grip on London underworld revealed. **The Guardian.** Londres, 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2010/dec/27/girl-gang-london-underworld>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MCDONALD, Brian. **Gangs of London: 100 years of mob warfare.** Preston: Milo Books, 2010.

OLD POLICE CELLS MUSEUM. The ultimate girl gang. **Old police cells museum.** Brighton, 2018. Disponível em: https://www.oldpolicecellsmuseum.org.uk/content/contact_usabout_us/bad-girls/victorian-girl-gangs. Acesso em: 4 mar. 2021.

SHAW, Sophie. Christian Dior's twist on teddy girls. **CR Fashion Book.** California, 2019. Disponível em: <https://www.crfashionbook.com/fashion/a26600713/teddy-girls-fashion-history-dior/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

WHITMORE, Greg. Teddy boys and teddy girls. **The Guardian.** 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2018/jun/17/observer-archive-teddy-boys-and-teddy-girls-19-june-1955>. Acesso em: 4 mar. 2021.

